

DAVID GROSSMAN

A mulher foge

Tradução do hebraico e glossário
George Schlesinger

Copyright © 2008 by David Grossman

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Ishà borachat mibsorà

Capa

warrakloureiro

Imagem de capa

© Alex Majoli/ Magnum Photos/ LatinStock

Preparação

Carlos Alberto Bárbaro

Revisão

Isabel Jorge Cury

Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Grossman, David

A mulher foge / David Grossman; tradução do hebraico e glossário George Schlesinger. — São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

Título original : Ishà borachat mibsorà.

ISBN 978-85-359-1517-4

1. Ficção israelense I Título.

09-07778

CDD-892.43

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura israelense 892.43

[2009]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Prólogo, 1967

Ei, garota! Silêncio!
Quem é?
Cala a boca!, você acordou todo mundo!
Mas eu estava segurando
Segurando quem?
Na rocha, estávamos sentadas juntas
Que rocha é essa na sua cabeça?, me deixa dormir
De repente ela caiu
Essa gritaria, essa cantoria
Mas eu estava dormindo
E gritando!
Ela soltou a minha mão, caiu
Basta! Dorme aí
Acenda a luz
Você ficou louca? Eles nos matam se acendermos a luz
Esqueci
Espere
O quê?
Eu cantei?

Cantou, gritou, tudo junto, agora fique quieta
O que foi que eu cantei?
O que você cantou?!
Enquanto dormia, o que foi que eu cantei?
Sei lá o que você cantou! Você soltou uns gritos. Foi isso que você cantou.
O que eu cantei... o que eu cantei, ela quer saber...
Mas você disse que eu cantei
É uma música sem... não sei, vamos lá, eu
Você não lembra que música foi?
Diga uma coisa, você é doida? Eu mal me aguento em pé
Mas quem é você?
Quarto número três
Você também está em isolamento?
Preciso voltar
Não vá... você já foi? Espere, ei... ele foi embora... mas o que será que eu
cantei?

E na noite seguinte ele a chamou de novo, mais uma vez reclamando que ela tinha cantado em voz alta, acordando o hospital inteiro; e ela implorou que ele fizesse um esforço para se lembrar se era a mesma canção da noite anterior. Ela precisava saber, por causa de um sonho que tinha tido, um sonho que voltava quase toda noite naquela época, um sonho totalmente branco, tudo no sonho era branco, as ruas, as casas, as árvores, os gatos e os cachorros, inclusive a rocha na beira do penhasco. Inclusive Adah, sua amiga ruiva, era toda branca, sem uma única gota de sangue na face e no corpo. Sem uma gota de cor no cabelo. Mas também dessa vez ele não conseguiu se lembrar da canção que ela havia cantado. Ele tremia todo, e ela, deitada na cama, tremia com ele. Parecemos duas castanholas, ele disse, e ela, para sua própria surpresa, caiu numa estrondosa gargalhada, que repercutiu dentro dele. Havia empenhado toda a sua energia na viagem do seu quarto até o quarto dela, trinta e cinco passos, um passo e uma pausa, apoiar-se na parede, nos batentes das portas, nos carrinhos de comida vazios. Agora, na entrada do quarto dela, agachou-se e sentou sobre o piso de linóleo grudento. Os dois arquejaram durante longos minutos. Ele queria fazer de novo algum gracejo para que ela risse,

mas não conseguia falar; depois, aparentemente, adormeceu, até ser despertado pela voz dela.

Diga

O quê?, quem é?

Sou eu

Você

Diga, estou sozinha no quarto?

Como é que eu vou saber?

Estou tremendo, sim

Com quanto você está?

Quarenta, no começo da noite

Eu estava com quarenta ponto três

Com quanto a gente morre?

Com quarenta e dois

Falta pouco mesmo

De manhã você vai se sentir melhor

Não vá embora, estou com medo

Você está ouvindo?

O quê?

Que silêncio, de repente

Ouviu uns estrondos antes?

Tiros de canhão

Estou sonolenta o tempo todo, e de repente já é de noite outra vez

Por causa da escuridão, do toque de recolher

Acho que eles estão ganhando

Quem?

Os árabes

De onde você tirou isso?

Conquistaram Tel Aviv

O que você... quem disse isso?

Não sei. Acho que ouvi

Você sonhou

Não, disseram isso por aqui, alguém, mais cedo, ouvi vozes

É da febre, alucinações, eu também tenho

O sonho que eu tive

Eu estava com uma amiga minha
Será que você sabe?
O quê?
De onde eu vim
Não conheço nada aqui
Há quanto tempo você está aqui?
Não sei
Eu estou faz quatro dias, talvez uma semana
Espera aí, cadê a enfermeira?
De noite ela fica na ala A
Ela é árabe
Como você sabe?
Ouço ela falando
Você está tremendo
A boca, a cara inteira
Mas cadê todo mundo?
Nós eles não levam para o abrigo antiaéreo
Por quê?
Para não contagiá-los
O quê?, então somos só nós que
E a enfermeira
Eu pensei
O quê?
Se você pudesse cantar para mim
Lá vem você outra vez...
Só um pouco, baixinho
Eu estou indo
Se fosse o contrário, eu cantaria para você
Preciso voltar
Para onde?
Para onde, para onde, deitar com meu pai, diminuir minha aflição, é isso
O quê? Que foi que você disse? Espere um pouco, será que eu conheço
você? Ei, volte aqui

E também na noite seguinte, antes da meia-noite, ele se postou na porta do quarto dela, e outra vez reclamou que ela tinha cantado dormindo e acordado todo mundo, inclusive ele. Ela riu e perguntou se o quarto dele era realmente tão longe, e só então ele percebeu, pela voz dela, que ela não estava no mesmo lugar que nas noites anteriores.

Porque agora estou *sentada*, ela explicou, e ele indagou cautelosamente, por que você resolveu ficar sentada?, e ela disse, porque não conseguia dormir, e eu não estava cantando, eu me sentei e fiquei esperando você.

Os dois tinham a impressão de que estava ficando cada vez mais escuro. Uma nova onda de calor, que talvez não tivesse nada a ver com a doença, tinha atacado a pele dela, começando nas pontas dos pés e subindo para formar manchas vermelhas no pescoço e no rosto. Sorte que está escuro, ela pensou, e envolveu o pescoço com a gola frouxa do pijama. Finalmente, na porta, ele pigarreou e disse, então eu preciso voltar, e ela perguntou, por quê?, e ele disse que precisava urgentemente cobrir-se de piche e penas, e ela não entendeu, e depois entendeu e riu profundamente, venha, bobão, chega de ficar representando, arrumei uma cadeira ao meu lado para você.

Ele entrou tateando o batente da porta, as camas e os armários de metal, até que parou em algum lugar e encostou os braços numa cama vazia, arquejando fortemente. Estou aqui, gemeu, e ela, chegue mais perto de mim, e ele, um momento, deixa eu respirar. O escuro a enchia de coragem, e ela disse em voz alta, a sua voz saudável, voz da praia e das brincadeiras e competições de natação rumo às balsas flutuando no mar calmo, você está com medo de quê?, eu não mordo, e ele murmurou, tudo bem, tudo bem, já ouvi, mal consigo me manter vivo, e o tom queixoso dele, e o pesado arrastar dos pés, lhe tocaram o coração. Nós somos mais ou menos como um casal de velhos, ela pensou.

Aaaaaaiiiiiii!

O que houve?

Uma cama de repente resolveu... Cacete! diga, você conhece o Princípio da Sacanagem —

O que foi que você disse?

O Princípio da Sacanagem dos Móveis, você já ouviu falar?

Você vem ou não vem?

Os tremores não haviam passado, e às vezes se transformavam em calafrios prolongados, e enquanto conversavam, as falas eram curtas e fragmentadas, e

não poucas vezes precisavam esperar que o tremor cedesse, até os músculos da face e da boca relaxarem um pouco, e então cuspiam rapidamente as palavras em voz alta e tensa, e a gagueira moía as frases nas suas bocas. *Quanto-a-nos-vo-cê-tem? De-zes-seis, e-vo-cê? E-um-quar-to. Te-nho-ic-te-ri-cia*, ela disse, *e-vo-cê? Eu?*, ele disse, *a-cho-que-in-fla-ma-ção-nos-o-vá-rios*.

Silêncio. Ele está ofegante: aliás, foi-u-ma-pi-ada. Não achei graça, ela disse. Ele gemeu: tentei fazer uma graça, mas o senso de humor dela é muito — ela se sentiu acuada e perguntou com quem ele estava falando. Ele disse, com o meu redator de piadas, parece que vou ter de despedi-lo. Se você não vier se sentar aqui imediatamente, porra, vou começar a cantar. Ele estre-meceu e riu. Tinha uma risada rangida, que parecia um zurro, uma risada do tipo que anuncia a si mesma, e ela, intimamente, aceitou a risada como remédio, como prêmio.

E ele riu tanto da sua piadinha boba que ela mal se conteve em lhe contar que nos últimos tempos já não sabia ser engraçada como costumava ser, fazer as pessoas rolarem de rir — em matéria de humor parece uma porta, haviam cantado sobre ela na festa de Purim deste ano —, e não se trata de uma deficiência sem importância, no caso dela é realmente um defeito, uma imperfeição nova que corre o risco de ainda se desenvolver e se complicar mais, e que ela sente que de alguma maneira está relacionada com outras características suas, que também foram ficando mais sombrias nos últimos anos. A intuição, por exemplo, como é possível uma característica dessas desaparecer, e ainda com tanta rapidez? Ou a capacidade de dizer a coisa certa no momento certo. Ela já teve isso, e agora não tem mais. Ou até mesmo a simples agudeza de espírito, afinal ela já foi uma verdadeira pimentinha, capaz de soltar faíscas (mas talvez simplesmente não tenham achado uma rima melhor para torta, ponderou consigo mesma). Ou sentir amor, pensou de repente, talvez isso também esteja relacionado com a sua decadência — amar alguém, de verdade, arder de tanto amor, como as moças vivem contando, como nos filmes. E imediatamente sentiu um baque por causa do Avner, Avner Feinblatt, seu amigo do colégio interno militar, agora já soldado; nas escadas entre as ruas Pevzner e Yossef ele tinha dito que ela era sua amiga querida, mas mesmo naquele momento não tocou nela, não encostou a mão nela, nem um dedo sequer, uma única vez em dois anos; e talvez isso também estivesse relacionado, o não-tocar-nela, e no fundo do seu coração ela já sentia que de alguma forma tudo estava

relacionado, e que as coisas iam ficar cada vez mais claras, iriam se revelar aos poucos, cada vez um pouquinho mais daquilo que a esperava.

Por um instante ela consegue se ver com cinquenta anos, alta, magra e enrugada, uma flor sem cheiro, caminhando a passos largos e rápidos, com a cabeça virada para o chão e um chapéu de palha largo que esconde seu rosto, e o rapaz com riso de jumento continua a abrir caminho em sua direção, chegando perto e se afastando — como que de propósito, pensou espantada, como se estivesse fazendo um jogo — e dando risadinhas, zombando de sua própria falta de jeito, zanzando em círculos pelo quarto, de vez em quando pedindo que ela diga algo para que ele possa se orientar: como um farol, mas um farol de som, ele explica. Metido a sabichão, ela pensou. Até que finalmente ele chegou à cama dela, e tateando achou a cadeira que ela tinha deixado para ele, e se jogou sobre a cadeira arfando como um velho. Ela sentiu o cheiro do seu suor de doente, tirou de cima de si um dos cobertores e deu a ele, e ele se embrulhou no cobertor e ficou calado. Ambos estavam debilitados, e cada um ficou enrolado tremendo com seus próprios gemidos.

Apesar de tudo, ela disse depois, de dentro de suas cobertas, a sua voz me soa conhecida, de onde você é? De Jerusalém, ele disse. Eu sou de Haifa, disse ela com ligeira ênfase, me trouxeram aqui de ambulância, do hospital Rambam, por causa das complicações. Eu também tenho complicações, ele riu, a vida inteira tive complicações. Ambos se calaram, ele coçou com força a barriga e o peito e resmungou, ela resmungou em seguida, é isso que deixa a gente louco, não é? E também se coçou, com as unhas dos dez dedos: às vezes morro de vontade de arrancar minha pele, só para que isso acabe. Toda vez que ela começava a falar, ele ouvia os lábios dela se separando um do outro com um som levemente viscoso, e subitamente sentia as pontas dos dedos pulsando, os dedos das mãos e dos pés.

Orah falou: o motorista da ambulância disse que numa época como esta precisam das ambulâncias para coisas mais importantes. Diga, você percebeu, ele perguntou, que todo mundo por aqui tem raiva da gente, como se a gente estivesse fazendo de propósito? E ela disse, porque ficamos por último. E ele disse, quem conseguiu se restabelecer, mesmo um pouquinho, eles levaram correndo para casa, especialmente os soldados, levaram rapidinho de volta para o exército, para estarem prontos para a guerra. Ela perguntou, então vai ter guerra mesmo? E ele disse, você está maluca? Já faz pelo menos dois dias. E ela

se assustou, quando foi que começou? Anteontem, eu acho, eu lhe disse isso ontem ou anteontem, não lembro quando, os dias se misturam na minha cabeça. Certo, você disse mesmo, e ela começou a divagar, assustada... E correntes de sonhos estranhos e assustadores fluem por ela. E ele murmurou, você não ouviu? O tempo todo a gente ouve tiros e canhões, e eu ouvi helicópteros aterrissando, com certeza já há um milhão de feridos e mortos. Mas o que acontece na guerra?, ela perguntou, e ele disse, não sei, e também não há com quem conversar aqui, eles não têm cabeça para nós, e Orah perguntou, e quem cuida de nós? E ele, agora só está aí aquela outra, a arabezinha magra, que fica chorando, você ainda não ouviu? E Orah, espantada, aquilo é uma pessoa chorando? Achei que fosse um bicho uivando, você tem certeza? E ele disse, é uma pessoa, com certeza. E Orah, mas como é que eu não a vi? E ele, ela é assim, fica indo de lá pra cá, faz os exames, dá os remédios, põe a comida na bandeja, agora é só ela que está aí, dia e noite.

Ele sugou as bochechas e observou, é gozado que tenham nos deixado apenas uma árabe, não é? Seguramente não deixam os árabes cuidar dos feridos. Orah não consegue se conformar, mas por que é que ela chora? O que foi que aconteceu com ela? E ele, e como é que eu vou saber? Orah se endireitou e seu corpo ficou rijo, e num silêncio gélido deixou escapar, eles já tomaram Tel Aviv, estou lhe dizendo, Nasser e Hussein já se encontraram para tomar café num bar da rua Dizengoff. Ele se assustou, de onde você tirou isso? E ela, ouvi ontem à noite, ou hoje, tenho quase certeza, talvez tenham falado no rádio, eu ouvi, já tomaram Beersheva, Ashkelon e Tel Aviv. E ele disse, não, não, não pode ser, talvez seja a sua febre, isso vem da sua febre, o quê, assim sem mais nem menos?, você ficou louca, não pode ser que eles tenham vencido. Pode, pode sim, ela disse para si mesma, e pensou, o que você sabe sobre o que pode e o que não pode ser?

Mais tarde acordou de um sono fugidio e procurou o rapaz com o olhar, você ainda está aí? O quê?, sim. Suspira, havia nove moças comigo no quarto e eu fui a única que restou, não é irritante? E o rapaz — ele gosta do fato de que, mesmo depois de três noites juntos, ele ainda não sabe seu nome, e ela não sabe o nome dele; ele adorava pequenos enigmas como esse. Nas radionovelas que escrevia e que gravava em casa nos seus carretéis de fita, e nas quais ele próprio